

(Discurso proferido pelo Secretário
Tarcísio de Miranda Burity durante
a instalação do IV CBCL, dia
20/09/77, em Campina Grande - Pb.)

Tudo aconteceu, na simplicidade das coisas profundamente humanas.

Não faz muito tempo, durante os costumeiros trabalhos de Gabinete, era surpreendido, o Senhor Governador Ivan Bichara Sobreira, com uma visita de intelectuais campinenses, os quais, entre outras reivindicações, solicitavam que Sua Excelência, incluísse, no Plano Cultural de seu Governo, um Congresso de Crítica Literária. Era a idéia de Elizabeth Marinheiro e de Epitácio Soares que chegava a Palácio, de maneira firme e persuasiva.

A visão administrativa do Governador, tão profundamente sensível às iniciativas culturais, não podia deixar à margem sugestões dessa natureza.

A resposta, como era de se esperar, veio tranquila e decisiva. O IV Congresso Brasileiro de Crítica Literária, tantas vezes sonhado seria realidade viva e palpitante.

Encontra o Governo Estadual, de imediato, na pessoa do senhor Prefeito da Cidade de Campina Grande, o Sr. Enivaldo Ribeiro, um aliado firme para a iniciativa, à qual emprestou tamanho apoio que lhe ofereceu, inclusive, o aspecto internacional do Conclave, fazendo trazer, de Portugal, o eminente escritor Fernando Namora.

A ação entusiástica se transmite a outras instituições, recebendo também o Congresso, o patrocínio da Universidade Federal da Pa-

raíba, através do dinâmico e incansável Reitor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, e da Universidade Regional do Nordeste, na pessoa de seu culto e eficiente Reitor, Prof. José Figueiredo.

E Campina Grande, graças ao idealismo de muitos, torna-se mais uma vez, o ponto de convergência da intelectualidade brasileira.

Viestes, Senhores Congressistas, dos mais variados recantos do País, na ânsia do diálogo mais fecundo e criativo, enquanto homens de saberes diversos, de especialidades múltiplas, trazendo cada um o esforço de seu labor intelectual, a cotejar experiências, a confrontar idéias, a exercitar o espírito no ato fantástico da criatividade, tudo com a única preocupação de conhecer, em profundidade, a realidade sócio-cultural a que pertencemos e cujo destino histórico se confunde com o nosso próprio destino.

Viestes, daqui e de longe, ao Nordeste brasileiro, para o reencontro rejuvenescedor com as fontes de nossas ações libertárias, que, um dia, iniciaram os movimentos consolidadores do **espírito nacional**. Encontrareis, sem dúvida, nestas paragens, a manifestação mais pura de brasilidade, a jorrar da alma de nosso povo.

Numa tentativa de síntese antecipada das pesquisas e dos debates acerca dessa cultura brasileira, poderia repetir aquela advertência, extraordinariamente atual, escrita no verdadeiro "poema da autoconsciência nacional", que são "Os Sertões", de Euclides da Cunha: "A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Ou progredimos ou desaparecemos".

Na verdade, estamos plenamente conscientes de que o desenvolvimento, no plano social, econômico e cultural, é o nosso objetivo primeiro, e de que esse desenvolvimento **depende unicamente de nosso próprio esforço**.

Partimos, felizmente, para a análise **objetiva** de nossos problemas e de nossas possibilidades como País. É a Nação toda em anseios de autoconsciência espiritual. Plenamente sabedora de que não é **objeto**, mas **sujeito** da História, senhora de seus destinos.

De norte a Sul, sentimos crescer a convicção de que devemos procurar, através de especialistas dos diversos saberes humanos, sem "chauvinismos obtusos", soluções eminentemente brasileiras para os nossos problemas brasileiros — "que são especialíssimos — nem europeus, nem americanos, nem asiáticos".

Só dessa maneira, acreditamos que a nossa comunidade encontrará força de perene revitalização, pois todos somos devedores de nosso momento histórico, recebendo os traços característicos de nossa personalidade, do fato constituirmos comunidades substancial e exis-

tencialmente "situadas". Iremos, sem dúvida, em busca das raízes de nosso povo, tentando encontrar o veio de nossas tradições culturais mais sadias e autênticas.

A cultura será tanto mais autêntica e original, escreve Fernando de Azevedo, quanto mais rica e substanciosa for a seiva que subir de suas raízes mergulhadas no humus nacional, desabrochando, ao mesmo tempo, como uma verdadeira flor de civilização, abrindo-se, na plenitude de sua força, para todos os tempos e para todos os povos.

Se a cultura, como expressão maior do ser humano, possui os seus traços de **universidade**, nem por isso deixa o homem de cultura de receber as influências do meio em que vive, o qual condiciona o contrário da mensagem artística e as suas formas expressionais.

Existe algo na dramaturgia dos homens, das raças, dos povos, das nações, que, em vão psicólogos e geográficos, fisiologistas e etnólogos tentarão explicar: é aquilo que assegura a cada homem e a cada povo a sua **singularidade**, a sua **inconfundível e intocável personalidade**.

Os povos, conseqüentemente, se distinguem uns dos outros, por mais que os processos tecnológicos acelerem o ritmo da "massificação" e da uniformidade — razão pela qual a cultura não pode deixar de refletir a "alma do povo", expressão de que talvez abusavam os românticos, mas que oculta uma irremediável verdade. As características da "personalidade nacional" são identificáveis dessa maneira, na música, nas artes plásticas, na literatura, na arquitetura, em todos os campos, enfim, em que surge a problemática do valor e da opção".

Isso tudo equivale a procurar o **humano** no regional, os valores universais na realidade **concreta, palpitante e vivida** de nossa gente.

Eis o valor estupendo, como sabemos, da obra literária deste grande brasileiro, cuja vida política e cultural é um dos mais belos patrimônios de nossa História contemporânea — o Ministro José Américo de Almeida!

Soube revelar, como poucos, o que de universal e profundamente humano se ocultava na tragédia e na dor do homem nordestino.

Ao reler os seus trabalhos, do sociólogo em "A Paraíba e seus problemas", do romancista de "A Bagaceira", ou do memorialista de "Antes que me esqueça", iniciador que foi do regionalismo literário, diria o que de Shakespeare escreveu Sainte Beuve, comentando as suas tragédias: "O gênio se pintou a si mesmo, no mais profundo dos retratos".

Meus Senhores!

Em meio às alegrias da abertura do IV Congresso de Crítica Literária, há uma nata de saudade que nos faz lembrar o grande ausente desta noite — a figura inconfundível de Virgínius da Gama e Melo.

Pela sua maneira particularíssima de ser ele, que talvez como poucos, tão profundamente compreendeu o sentimento trágico da vida humana; ele, que viveu da literatura e para a literatura, quanto não se realizaria neste Congresso, trazendo a contribuição inestimável de sua inteligência, da sua cultura polimorfa, de sua sensibilidade de artista inimitável da palavra, a qual, em seus trabalhos, não consistia apenas na veste do pensamento, mas era, no dizer do Poeta, o pensamento mesmo se abrindo a outrem, como a flor que se transforma em fruto.

Que a sua ausência tão sentida seja uma certa forma de presença, a presença de seu espírito em nossa memória e em nossos corações.

Meus Senhores!

O IV Congresso Nacional de Crítica Literária, promovido pelo Governo Ivan Bichara Sobreira, e recebendo o copatrocínio da Prefeitura de Campina Grande, da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Regional do Nordeste, homenageia, de maneira singular, as figuras eminentes: do Ministro Ney Braga, em razão do que vem fazendo pela educação e pela cultura brasileira, na qualidade de Presidente de Honra; do Ministro José Américo de Almeida, como a Grande Homenagem, por tudo quanto simboliza de grandioso na vida política e literária do País; do Governador Ivan Bichara, inspirador maior das atuais atividades culturais da Paraíba, como Patrono; da Sra. Virgínia Veloso Ribeiro, na qualidade de Madrinha, em virtude de sua ação, ao mesmo tempo discreta e eficaz, relativamente a tudo quanto diga respeito aos movimentos culturais de Campina Grande, em geral, e deste Congresso, em particular.

Agradecimento especial fazemos à Comissão Executiva do Congresso, na pessoa de sua Coordenadora Geral, Prof.^a Elizabeth Marinheiro, de sua Secretária, Prof.^a Lucie Mayer Motta, dos presidentes das diversas Comissões, escritor Epitácio Soares, historiador Amauri Vasconcelos, Sra. Tamar Araújo Celino, Dr. Amir Gaudêncio, Prof. Hiani Siqueira Pequeno, Major Valdir Dâmaso, cujo idealismo e inteligência tornaram possível este conclave.

Minhas senhoras e meus senhores!

Que vos poderia dizer, no final de minhas palavras, retratando

com fidelidade o estado de espírito em que nos encontramos todos nesses instantes tão cheios de emoção e de grandeza espiritual?

O tempo em si mesmo, como pura sucessão de momentos, dizem os filósofos, não teria significação.

O que importa ao homem é o tempo existencial, é o tempo vivido nos processos de nossa autoconsciência espiritual.

Que esses instantes, portanto, em noite tão memorável como esta, em que se abre o IV Congresso Nacional de Crítica Literária, se perenizem em nossa memória e sejam eles plenos das mais caras esperanças.